

## A PAISAGEM NATURAL NA PINTURA DE HENRI MATISSE

José Augusto Avancini

*Ce qui m'intéresse le plus, ce n'est ni la nature morte, ni le paysage, c'est la figure. C'est elle qui me permet le mieux d'exprimer le sentiment pour ainsi dire religieux que je possède de la vie.*

Notes d'un Peintre, 1908

Na extensa obra de Henri Matisse, a paisagem foi secundária, tanto pelo número de peças realizadas, quanto pela atenção que o pintor dedicou ao gênero. Contudo, se observarmos detidamente, ela esteve presente ao longo de sua carreira e, na primeira etapa de sua vida (1895–1920), foi decisiva para sua formação e definição de caminhos.

Muitos autores têm definido a obra de Matisse como o longo “caminho da cor”, expressão do próprio artista. Iniciando sua carreira no período pós-impressionista, seria natural que tivesse dado à pintura de paisagem um lugar de destaque, uma vez que quase todos os pintores da época estavam em busca da luz e de sua representação, fugindo aos ditames da Academia. Para Matisse, entretanto, a busca passava por uma reavaliação da importância do nu e das cenas de interiores, tão ao gosto da moda no começo de sua formação. Mas foi através da paisagem natural, de sua contemplação e da obra de seu amigo Émile Wéry, que Matisse encontrou o caminho da cor e sua própria trajetória como pintor.

Podemos, grosso modo, distinguir seis momentos no percurso artístico de Matisse, no qual a paisagem esteve presente e assinalou uma síntese superior. A presença do gênero paisagístico é notável nos cinco primeiros; o último é um período marcado por grande criatividade. São eles: primeiro, o das paisagens bretãs, desenvolvidas durante os verões de 1895, 1896 e 1897, na região de Belle-Île, na companhia de Wéry e no contato com o pintor australiano John Russel, que lhe apresentou a obra de Van Gogh e a então recente produção pós-impressionista. Foi na feitura dessas paisagens que Matisse sentiu a necessidade de clarear a paleta e captar a luminosidade do sol de verão. Legou-nos alguns bons exemplares da costa bretã – *Rochas e o Mar*.

O segundo momento ocorreu após seu casamento, numa viagem que durou quase um ano. Foi a Londres, em busca de Turner, por conselho de Pissarro; a Toulouse, terra de sua esposa, e à ensolarada e exótica Córsega – *Por de Sol na Córsega* –, nunca totalmente integrada à nação francesa, conservando suas características italianas e “selvagens”, como suas irmãs, Sardenha e Sicília. Diante da obra de Turner e das paisagens sulistas, Matisse teve uma revelação e tentou captá-las em alguns quadros de intensa luminosidade, ora acentuando os tons estridentes, ora conjugando paisagem natural com elementos arquitetônicos. A arquitetura, com seus



volumes precisos e delimitados, seria sempre um recurso para estabilizar a composição. Entretanto, o pintor ainda não tinha encontrado uma solução pessoal para o tratamento do espaço aberto, através de uma gama de cores fortes e de alta estridência. Seguiu-se uma rápida passagem para o momento posterior, marcado pelo encontro com a obra de Gauguin e pela descoberta das cores chapadas que apareceram em *O Jardim de Luxemburgo*.

O terceiro momento, entre 1899 e 1905, é de intensa experimentação, de absorção das lições impressionistas e da experiência com as técnicas do pontilhismo de Seurat e Signac. Nesse período, Matisse produz algumas de suas mais belas paisagens – *O Golfo de Saint-Tropez*; *Luxo, Calma e Volúpia*; *Paisagem em Collioure*; *Marinhas: La Moulade*; *Paisagem “Les Genêtes”*; *Paisagem em Collioure* (estudo para *A Alegria de Viver*); *A Janela Aberta*; *O Porto de Abaill, Collioure* e *A Pastoral* –, quase todas ambientadas nas praias mediterrâneas da França. A segunda ida ao sul foi determinante para a eleição de temas que seriam recorrentes ao longo de sua carreira e para a elaboração de uma solução pessoal para o tratamento da cor e seu uso inovador.

A obra-síntese desse período foi *A Alegria de Viver*. Iniciada em 1905 e concluída quase um ano depois, foi exposta no então inovador Salão de Outono de 1906 e adquirida pelo colecionador e amigo, Leo Stein. Essa obra é uma síntese da tradição européia e, mais especificamente, francesa – Poussin, Ingres, e Puvis de Chavannes –, que trata da “idade de ouro” da humanidade, tema que o romantismo atualizou e que os pintores de tendência anarquista, como Seurat e Signac, projetaram não para o passado, mas para o futuro imediato. Essa tradição englobava também a vertente arcádica de procedência renascentista, mas sem a presença inquietante da morte, como no *Et in Arcadia Ego*, de Poussin.

A visão do paraíso matisseano excluía a “indesejada das gentes”, criando um espaço de plenitude afetiva, sensual e estética. Síntese de várias fontes absorvidas: o simbolismo, Gauguin, Manet e a tradição já mencionada. Esse quadro foi produto da primeira maturidade do pintor, então entrando nos 37 anos, e resumiu toda a postura de Henri Matisse diante da vida e da arte, materializando seu anelo por um mundo harmônico de intensa sensualidade e vitalidade, verdadeiro paraíso artificial, estimulador de uma vida mais plena, em sintonia com o *elan vital* de uma Europa ainda confiante.

O quarto momento é o das paisagens marroquinas – *Acanthus*; *As pervincas* e *A Palmeira* –, que impressionaram o artista. Explorou-as em registro geométrico e, na estilização das plantas e das folhagens, predominam as grandes curvas, tão caras ao pintor que as reencontrou no corpo de suas modelos. Nesse momento, Matisse já sofre as repercussões do Cubismo e de suas aproximações: problemática com Picasso, tranqüila com Juan Gris. A busca de concisão e a força expressiva, já presentes no momento anterior, tornam-se mais fortes e incisivas sob a influência da paisagem marroquina e do tratamento geométrico do cubismo. Os dois invernos vividos no Marrocos, 1912 e 1913, prepararam o pintor para um período de amadurecimento



formal e de caminhada acelerada para simplificação da paisagem, com a criação de imagens de lugares especiais carregados de intimidade.

As obras têm marcado caráter decorativo e assemelham-se a painéis que poderiam compor um tríptico. O espaço da paisagem é quase fechado, sugerindo mais um jardim do que uma área aberta. A vegetação é cerrada e densa, dando idéia de uma malha luxuriante de plantas, árvores e flores. Esse rendilhado reaparecerá com intensidade nos ricos interiores desenvolvidos na fase de Nice, em que o tema central era as odaliscas.

O período entre o início da I Guerra Mundial e a instalação do pintor em Nice (1917-1920) caracterizou-se pela execução de poucas pinturas de paisagem e pelo caráter experimental dessas que se aproximariam da experiência cubista. Das três realizadas – *Árvore próxima ao lago de Trivaux*, 1917; *Um Raio de Sol*, 1917, e *Etretat, Duas Arraias*, 1920 –, as duas primeiras incluem-se numa procura por depuração e pela concepção de espaço fechado como se o espectador estivesse dentro de um bosque cerrado; na terceira, que lembra trabalhos de Courbet e impressionistas, há uma clarificação das cores e uma abertura para o céu infinito, acima do mar, mas tudo isso na parte superior do quadro, emoldurada pela falésia e pela praia que, na verdade, são o tema principal da tela. Novamente predomina o espaço circunscrito e relativamente fechado, sem grandes horizontes.

Depois da instalação de Matisse em Nice, por volta 1918 ou 1919, sua obra mergulha na busca prazerosa de seu paraíso particular, cercado pelas odaliscas e pelos interiores ricos de cores e objetos aconchegantes, lugares especiais para o devaneio sensual, meditativo do olho do pintor e do espectador. Esse período que transcorre até a grave cirurgia intestinal provocada por um câncer, em 1941, é um dos pontos altos na carreira de Matisse. Ele refaz a viagem de Gauguin ao Taiti em 1930, passando pelos Estados Unidos e, em especial, por Nova York, onde já contava com muitos amigos, admiradores e colecionadores. Matisse e os Estados Unidos tiveram, desde o início, uma relação de recíproca admiração e estreito afeto. *O Nu Azul: Memória de Biskra* esteve no *Armory Show*, em 1913, e causou celeuma em Chicago, chegando a ser queimado em efígie por estudantes de arte locais. Dos mares do sul, Matisse guardou forte impressão e memória visual, que reapareceu nas obras finais, após 1946, com os papéis recortados – *Oceania, o Céu; Oceania, o Mar; Polinésia, o Mar e Polinésia, o Céu*. Contudo, em 1935 e 1936, compôs uma tapeçaria e um quadro, a partir de desenhos de viagem, que conservaram a preferência pelas curvas e pelo espaço fechado das fases anteriores – *Tahiti e Tahiti II*.

Dessa fase, a obra que se sobressai é a grande tela *Ninfa no Bosque, A Verdura*, uma retomada do tema, agora sexualizado, de 30 anos antes, já presente em *Alegria de Viver*, pintada entre 1936 e 1942. Pode-se dizer que é uma obra-síntese na qual estão presentes, além da referência ao tema arcádico, os elementos formais de geometrização, pelo uso de faixas e bandas de diferentes cores, o tratamento esquematizado das figuras humanas e o espaço agigantado, mas fechado, do bosque, no qual as figuras perdem a importância central que quase sempre Matisse lhes



atribuída. Quadro-chave da trajetória do artista, cuja execução coincide com a sua grave doença e a mudança de rumos na sua produção pictórica, que passaria a ser feita principalmente pelas obras em papel recortado.

Nosso pintor chega a uma conclusão elaborada no gênero paisagem com a série de obras murais executadas depois de 1946, inspiradas nos motivos vistos na Oceania e recuperados pela memória. Neles, Matisse adquiriu uma capacidade de síntese notável e, pela primeira vez, tomou o céu e o mar como tema central na pintura dos painéis, não os representando na tradição verista, mas elaborando um código de imagens que agem por sugestão, que atuam na memória e na fantasia do espectador. Os quatro painéis executados entre 1946 e 1948 reinterpretem a paisagem, dando-lhe uma nova dimensão simbólica e afetiva, potencializando as imagens, trabalhando com uma nova concepção de espaço alargado, sem limites, e integrando as figuras num conjunto em constante movimento e equilíbrio.

Por este breve relato, podemos ver que a pintura de paisagem foi sistematicamente executada por Matisse entre 1895 e aproximadamente 1920, e que ela lhe serviu como meio expressivo para a descoberta da cor e, posteriormente, de formas concisas que se agenciavam num espaço quase sempre circunscrito e bem delimitado.

A mudança para Nice, em 1918–19, marcou uma alteração de rumo na vida pessoal e artística do artista, dando início a um novo período em que vinculou seu trabalho ao ambiente mediterrâneo e às temáticas dos ricos interiores com odaliscas e objetos variados, em que a natureza tinha uma presença mediata e complementar. Ela só é recuperada na fase final dos papéis recortados, mas num registro novo e integrado a uma nova figuração, essencialmente simbólica e muito pouco referencial, apontando caminhos até então insuspeitados, muito próximos da abstração que os artistas norte-americanos desenvolveram na década de 1950.

Se a paisagem não era um dos temas centrais de Matisse, nunca deixou de ocorrer quando ele se colocava questões novas e instigantes, buscando soluções que o aproximassem mais intimamente do coração da realidade expressiva que desejava compreender e materializar.

